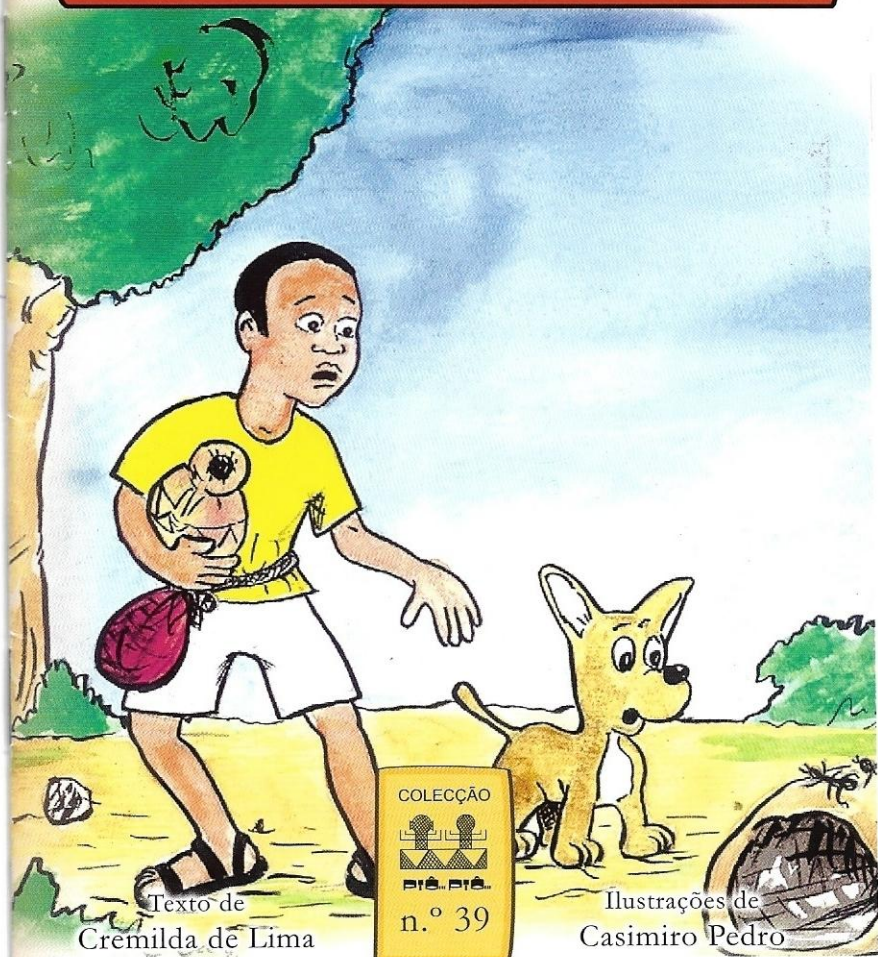


O MABOQUE MÁGICO



Texto de
Cremilda de Lima

COLECÇÃO



n.º 39

Ilustrações de
Casimiro Pedro

FICHA TÉCNICA

Título
O Maboque Mágico

Autora
Cremilda de Lima

Ilustrações
Casimiro Pedro

Edição
Ministério da Cultura
INIC - Instituto Nacional das Indústrias Culturais

Copyright
Autora / INIC - Ministério da Cultura

Colecção Piô-Piô
N.º 39

Capa
EAL - Edições de Angola, Lda.

Execução Gráfica
EAL - Edições de Angola, Lda.

Tiragem
20.000 Exemplares

Depósito Legal
6056/13

1.ª Edição/Luanda/2013

Cremilda de Lima

O Maboque Mágico

Ilustrações de
Casimiro Pedro

COLECÇÃO



n.º 39



Instituto Nacional das Indústrias Culturais

Intensionally
left blank

Num Kimbo, rodeado de coqueiros e palmeiras vivia um menino chamado Kami.

Kami tinha dez anos e andava na 4ª classe.

Parecia muito pequeno para a idade. Era franzino e que mais sobressaía do seu rosto eram uns grandes olhos muito vivos e sonhadores, que espelhavam um mundo interior rico e profundo.

Kami vivia com os avós. A poucos passos de casa tinham uma pequena lavra, onde cultivavam mandioca, batata-doce, ginguba e milho.

O Kimbo onde vivia Kami era bonito, as árvores, estavam sempre verdinhas, pois corria perto um rio cuja água era límpida e cristalina.

Kami, para ir à escola, seguia sempre pela margem do rio e muitas vezes sentava-se a descansar pois a escola ainda ficava longe.

Pelo caminho, podia deliciar-se comendo cajús e maboques que ia apanhando.

De tanto passar por ali, ele tinha um desejo muito grande: atravessar o rio.

Mas como fazê-lo?

Era preciso uma canoa e remos e ele não tinha nada disso.

Das histórias que ele lia, ou que os avós lhe contavam, havia tanta coisa que acontecia, coisas mesmo impossíveis, portanto ele também algum dia havia de atravessar o rio... E depois o avô tinha-lhe dito que por trás daquelas montanhas é que ficava o mar onde vivia a Kianda, onde havia caranguejos, conchas de várias cores e tamanhos e búzios que tinham dentro a canção do mar.

Ele não conhecia o mar. Já tinha visto várias gravuras bonitas sobre o mar. Porém, gostaria de saber como era na realidade.

Além disso queria ter um búzio. Disseram-lhe uma vez que, encostando o búzio ao ouvido, se podia muito bem escutar a canção do mar.

O seu grande sonho era atravessar o rio e conseguir chegar ao mar para apanhar um búzio que ele queria que fosse grande e bonito.

Ele até já lhe tinha dado um nome: Búzio-Canção-do-Mar.

Assim, certo dia, quando regressava da escola, depois de ter ouvido o professor contar uma história de um búzio lindo, colorido, que uma onda tinha trazido para a praia...

Kami, pousou os livros no chão e sentou-se a

apreciar o rio, as plantas, os passarinhos e até um macaquito irrequieto que pulava de ramo em ramo.

Era tal o silêncio, que Kami adormeceu profundamente.

De repente...

– Kami, Kami, já viste o que tens aí à beira do rio? Kami, olhou para todos os lados à procura de quem assim falava...

Um kota, muito kota de cabelos brancos, barbas brancas, agarrado a uma bengala estava a olhar para ele...

– Em tempos, fui o soba deste kimbo e de vez em quando, gosto de passear por aqui.

Precisas de ajuda?

– Eu gostaria muito de atravessar o rio, para depois chegar até ao mar que fica para lá daquele monte. Só que não tenho canoa, nem remos.

– Mas... olha bem para o rio. Não vês nada?

– Uma canoa... e remos... Ainda não tinha visto!...

– Pois bem. Eu quero ajudar-te a realizar o teu sonho. Mas, já pensaste nos perigos que tens que passar? Ora, para que nada de mal te suceda, toma este saquito. Dentro dele está um **MABO-QUE MÁGICO**. Quando estiveres aflito basta

apertá-lo bem na tua mão e pronunciar as palavras mágicas: **BOQUE MABOQUE**. Mas não o percas pois ele é precioso para mim. Estarei aqui quando regressares.

E o Kota desapareceu...

Kami estava espantado com aquilo tudo. Guardou bem o saquito com o **MABOQUE MÁGICO**. Arrastou a canoa até ao rio e começou a sua viagem.

Foi deslizando pelo rio, deslizando... e depressa chegou à margem.

Amarrou bem a canoa ao tronco de uma árvore, fez um cinto entrançado com ramos de palmeira e amarrou o saquito com o **MABOQUE MÁGICO** à cintura para não o perder. Em seguida, procurou uma cabaça, encheu-a de água fresca e arranjou também um pau para se apoiar, pois tinha um longo e difícil caminho a percorrer...

Já tinha andado um bom bocado, quando começou a sentir barulho por entre as plantas que atapetavam e se erguiam do chão.

— Nhum!... o que será?

Rapidamente agarrou o saquito com o **MABOQUE MÁGICO**, para o que fosse preciso...



Afinal...

– Um cão!.. Que bom! Deve-se ter perdido de algum caçador.

O cão dava pulos de satisfação engraçaram um com o outro e tornaram-se amigos.

Kami logo lhe deu um nome: Saluky.

Assim, já tinha um companheiro para a viagem.

Seguiam felizes, quando de repente tiveram que parar... Num tronco que se atravessava no caminho estavam vários carreiros de kissonde.

À medida que os dois se aproximavam as estradinhas iam crescendo, crescendo tapando todo o tronco...

Kami e Saluky quiseram derrubar os carreiros, mas as formigas começaram a espalhar-se e eram tantas, tantas...

— Como fazer? Como ultrapassar esta situação?

Kami lembrou-se então do **MABOQUE MÁGICO**:

— **MABOQUE MÁGICO!**

Assim que ele pronunciou estas palavras, as formigas começaram a entrar nos carreirinhos e tudo voltou ao normal.

Então, Kami e Saluky seguiram o seu caminho, conseguindo andar alguns quilómetros sem nada de especial ter acontecido.

Como estavam cansados, sentaram-se à sombra de uma árvore.

Beberam água da cabaça e acabaram por adormecer. Acordaram sobressaltados com os ruídos que ouviam à sua volta.

Estremunhando, Kami esfregava ainda os olhos...

Saluky ladrava... ladrava... e dava saltos e mais saltos de aflição.

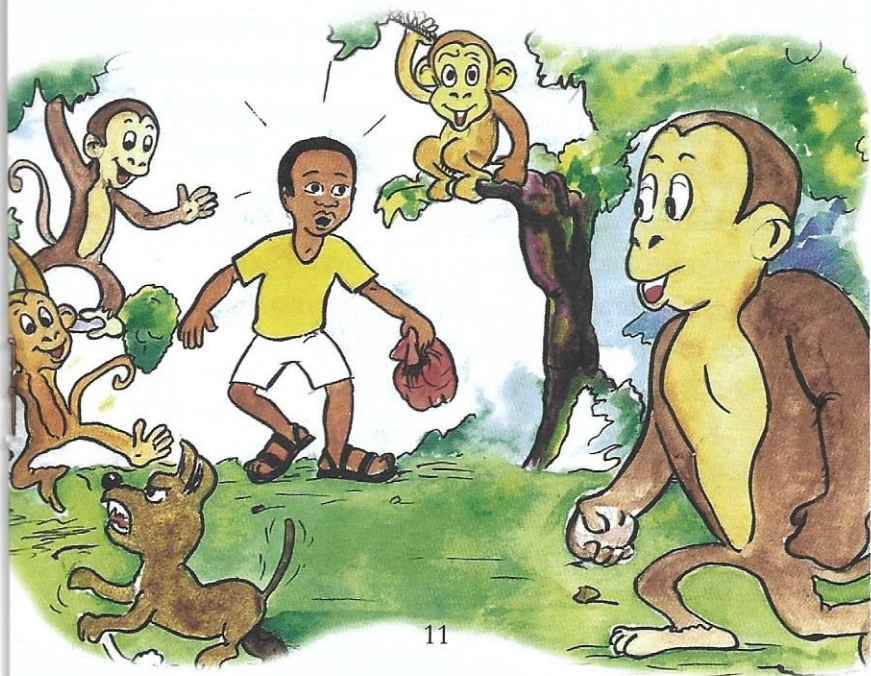
Estavam cercados de macacos e entre eles havia um tão grande que mais parecia um monstro.

– Eu sou o rei da floresta. Quem vos autorizou a passar por aqui?

Ao saltar para fugir do horrendo bicho, Kami tocou no saquito que trazia à cintura e imediatamente se lembrou do **MABOQUE MÁGICO**.

– **BOQUE MÁBOQUE!**

Imediatamente o macacão grandalhão foi diminuindo de tamanho... diminuindo... diminuindo...



do... até desaparecer completamente e com ele todos os outros macacos.

Kami e Saluky tinham apanhado um grande susto...

Continuaram andando, andando, parando aqui e ali para comer alguns frutos silvestres, beber água e descansar.

Saluky, esse andava constantemente a perseguir algum animalzito mais incauto... e quando o conseguir apanhar...

– Nhac... nhac... que rico pitéu, parecia ele dizer.

– Saluky, Saluky, estamos quase a chegar.

É só atravessarmos aquele monte e pronto!

Logo a seguir é o mar. Foi isso que meu avô me disse.

Continuaram a viagem...

Porém, ao chegarem perto do topo do monte que não era muito alto, pararam ao ouvir uma voz que parecia um trovão:

– Quem está aí?... Não respondem?...

Kami e Saluky ficaram muito quietos, escondidos por trás de uma grande pedra.

Mas a voz continuou:

– Eu sou o caranguejo gigante, o guarda da

entrada do caminho que vai dar ao mar, onde fica o palácio da Kianda. Quem ousar passar por aqui, ou mesmo esconder-se aqui perto, será meu escravo. Trabalhará dia e noite, sem descanso, pelo atrevimento que teve em vir até aqui.

Imediatamente, Kami procurou o saquito com o **MABOQUE MÁGICO**.

Mas não o encontrou... Tinha-o perdido...

Saluky atirou-se ao caranguejo gigante tentando mordê-lo.

Béu... béu... béu... béu... e Saluky estava bem preso pelas tenazes grandes do caranguejo gigante, que dava grandes gargalhadas, que faziam eco.

Kami queria salvar o amigo. Mas como?

Lembrou-se então do kota das barbas brancas, que tinha dado o **MABOQUE MÁGICO**. Era preciso tirar Saluky das garras do caranguejo gigante e atravessar o monte.

Assim que pensou nele...

– Então, Kami, o **MABOQUE MÁGICO**?

– Perdi-o. E Kami põe-se a chorar...

Ainda chorou mais, quando viu que o kota tinha desaparecido...

O caranguejo gigante prendeu Saluky ao tron-

co de uma árvore. Kami, dia e noite trabalhava para o caranguejo gigante, como seu escravo.

Uma manhã, quando acordou, o que viu?

O seu amigo velho sábio que novamente lhe entregava o maboque mágico, dizendo-lhe estas palavras:

– Aqui tens o **MABOQUE MÁGICO**. Não



o percas novamente. Quero que mo entregues logo que regressares.

Kami ficou imensamente grato e ele e Saluky enfrentaram o gigante.

– Kami, limpa a minha caverna e prepara a comida senão transformo-te em pedra e ficarás a fazer parte deste monte.

– **BOQUE MÁGICO!**

E imediatamente o gigante desapareceu.

Kami e Saluky ficaram parados em cima do monte a apreciar o mar.

Afinal era mesmo lindo e grande, muito grande o mar! – Pensava Kami.

– Que maravilha! Tanta água, tantas ondas cheias de espuma, tanta areia limpinha.

Kami desceu rapidamente. Saluky ia atrás dele.

Molhou os pés na água salgada e começou a procurar... procurar..., **BÚZIO-CANÇÃO-DO-MAR**, para o levar aos avós e para o mostrar ao professor e aos colegas lá na escola.

Saluky, o seu grande amigo e companheiro, ladrava... ladrava... Kami olhou e correu, correu a apanhar o búzio mais lindo que até então tinha vindo dar àquela praia...

Encostou o búzio ao ouvido durante muito tempo a ouvir a canção do mar que afinal se confundia com o MAR, ali tão perto dele.

Os dois divertiram-se muito, brincando na areia da praia tomando banho no mar.

Entretanto, começou a fazer-se tarde e os dois amigos despediram-se do mar.

Com o búzio muito bem guardado, iam começar a viagem de regresso.

O caranguejo gigante afinal só tinha adormecido.

Assim que ele viu que Kami se apoderara do búzio, esperou o seu regresso...

Estava tudo preparado.

De cada lado do monte estavam duas grandes conchas abertas, prontas, a engolir Kami e Saluky.

Conforme eles se iam aproximando as conchas também se aproximavam, enormes, prontas para fechá-los dentro das suas casas.

– **BOQUE, MABOQUE!** – disse imediatamente Kami, apertando o maboque mágico... e as conchas desapareceram.

Rapidamente atravessaram o monte, iniciando a viagem de regresso.

Foram andando, andando, sempre atentos a tudo.
Nisto...

Começaram a ser fustigados, por grandes remoinhos de vento, pareciam kazumbis enfurecidos. Kami e Saluky foram projectados para longe, lançados ao chão, era uma luta feroz.

Kami fez um grande esforço e conseguiu apertar o **MABOQUE MÁGICO**. Então, lentamente, tudo voltou ao normal.

Andando mais um pouco, chegaram ao rio.

Lá estava a canoa e os remos. Atravessaram o rio e mal chegaram à outra margem, viram o



kota à espera deles. – Estou muito contente, grande soba de há muitos anos, deste nosso kimbo. Kota sábio que me deu o **MABOQUE MÁGICO**, que me ajudou a ultrapassar todos os perigos, que me ajudou a chegar ao MAR e a trazer o búzio, o meu **BÚZIO-CANÇÃO-DO-MAR**.

Muito obrigado.

E Kami, entregou o **MABOQUE MÁGICO** e deu um abraço ao kota sábio das barbas brancas e cabelos brancos.

No mesmo instante o kota desapareceu, assim como a canoa e os remos.

Kami agarrou com força o seu búzio. Não o queria perder.

Levantou a mão para acariciar Saluky. Não queria ainda despertar...

Kimbo – sanzala

Kianda – sereia

Kota – mais velho

Kazumbis – fantasmas

Maboque – fruto silvestre

10.10.1914
1st time



GOVERNO DE
ANGOLA
MINISTÉRIO DA CULTURA



**BANCO
ESPIRITO SANTO
ANGOLA**
Fundo de Solidariedade